

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Diretoria de Pesquisas
Departamento de População e Indicadores Sociais

Textos para discussão
Diretoria de Pesquisas
número 3

A COR DENOMINADA

Um estudo do suplemento da PME de Julho/98

JOSÉ LUIS PETRUCCELLI

Rio de Janeiro

Julho/2000

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE
Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas, ISSN 1518-675X

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 85-240-0834-2

© IBGE. 2000

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI/IBGE, em 2000.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Petrucelli, José Luis

A Cor denominada : um estudo do suplemento da PME de julho/98 / José Luis Petrucelli. – Rio de Janeiro : IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais, 2000.

55 p. – (Textos para discussão. Diretoria de Pesquisas, ISSN 1518-675X ; n. 3)

Inclui bibliografia.
ISBN 85-240-0834-2

1. Cor da pele – Brasil – Estatística. 2. Mão-de-obra – Estatística – Pesquisa. 3. Cor da pele – Estatística – Pesquisa. I. IBGE. Departamento de População e Indicadores Sociais.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais CDU 314.9-054(81)
IBGE/RJ/2000-14 DEM

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Apresentação

Visando a levantar informações que permitam avaliar a forma de classificação da população por cor utilizada nas pesquisas do IBGE, foi acrescentado um suplemento com quatro quesitos sobre a cor e a origem dos entrevistados na Pesquisa Mensal de Emprego, PME, de julho de 1998. O presente texto se propõe, a partir destas informações, a analisar as diferentes denominações da cor utilizadas pela população brasileira nas seis regiões metropolitanas da Pesquisa, em relação às categorias conceituais empregadas para esta classificação.

Maria Martha Malard Mayer

Diretora de Pesquisas

Sumário

INTRODUÇÃO	9
PRECISÕES CONCEITUAIS	10
ANTECEDENTES	12
ORÍGEN DA TERMINOLOGIA	14
A QUESTÃO RACIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO	16
Nosso ponto de partida	16
A abordagem estatística	17
ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE	19
Pergunta aberta: quantas denominações da “cor”?	19
Distribuições por gênero	22
Diferenciais por idade	24
Cor espontânea por cor pré-codificada	26
Padrões regionais das denominações da cor	31
Condição na família	35
Educação	36
Origem	36
CONCLUSÕES	39
BIBLIOGRAFIA	41
Anexo 1	43
Anexo 2	47
Anexo 3.1	48
Anexo 3.2	51
Anexo 4	54

Qualquer que se encarregar de escrever a história do Brasil, país que tanto promete, jamais deverá perder de vista quais os elementos que aí concorrerão para o desenvolvimento do homem.

São porém estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo três raças, a saber, a de cor de cobre ou americana, a branca ou caucasiana, e enfim a preta ou etiópica. Do encontro, da mescla, das relações mútuas e mudanças dessas três raças, formou-se a atual população, cuja história por isso mesmo tem um cunho muito particular.

Carl Friedrich Philipp von Martius, 1840

INTRODUÇÃO

Desde o levantamento das informações do primeiro recenseamento nacional, no ano de 1872 e com exceção dos Censos de 1900, 1920 e 1970, as características de cor da população vêm sendo pesquisadas no país. Durante esses quase 130 anos utilizaram-se praticamente as mesmas categorias para este relevante quesito, ainda que com pluralidade de critérios de aplicação. Contudo, se as formas de mensuração deste fenômeno já foram objeto de amplas reflexões metodológicas, o questionamento de como a percepção da “cor” de uma pessoa é organizada e denominada só têm se desenvolvido mais recentemente. Dando continuidade a esta linha de contribuições, no presente trabalho se assume que a atribuição de uma cor a um indivíduo é feita de forma relacional, não constituindo uma característica nem natural, nem inerente ao mesmo (Teixeira, 1987; Guimarães, 1995). Todavia, a percepção de determinados traços físicos só se constituem como uma cor e se revestem de significado, no interior de um contexto histórico-cultural específico. “A cor concerne de maneira primordial ao olho e ela se inscreve, assim, no universo da aparência. O das essências ... lhe escapa: ela aparece, com efeito, como um engano para a percepção, uma verdadeira ilusão” (Bonniol, 1992). O mapa cognitivo da percepção da variabilidade da cor se estrutura na conceituação socialmente determinada das aparências. Em relação a sua categorização, merece ser lembrado com destaque que já em 1835 J. M. Rugendas observava a propósito de sua viagem ao Brasil: “é menos ao sentido da vista, é menos à fisiologia que à legislação e à administração que corresponde decidir de que cor é tal ou tal indivíduo” (Rugendas, 1940).

Várias referências ao estudo da cor o apresentam como complexo e problemático, atribuindo essas dificuldades, por exemplo, ao fato de que nos “diversos grupos étnicos ... não é mantida entre eles uma rígida separação” (IBGE, 1970). Mas será que se pode delegar a complexidade de análise das configurações da cor na sociedade brasileira exclusivamente às suas particularidades ao nível do próprio objeto de estudo? Outros autores apontam para os “problemas subjacentes a esta variável e que vão desde a denominação das categorias ... passando pelos problemas de coleta desses dados até a sua interpretação e utilização” (Pahim Pinto, 1996). Do nosso ponto de vista, não é na percepção nuançada dos descendentes das “raças” de cor de cobre, caucásica e etíope, no dizer de von Martius, onde se instalam as suas dificuldades de estudo. Pensamos que a

complexidade anotada reside mais na forma como as ditas configurações são conceituadas, tanto no interior da prática acadêmica como na sua utilização corrente.

Os recenseamentos e pesquisas estatísticas são consideradas como ferramentas que os estados modernos utilizam para determinar o tamanho e as características de sua população. Entretanto, “mais que uma operação de contagem, o recenseamento codifica, através de nomenclaturas que ele propõe, a estratificação da sociedade” (Simon, 1997). A conceituação e a representação socialmente organizadas das diversas divisões do mundo social, entre elas, a da segmentação por cor, se vê assim refletida nessa nomenclatura, revelando o sentido de que “categorizar é um ato de conhecimento e de reconhecimento” (Bertheleu, 1977). A categorização estatística condensa a experiência dos atores sociais contribuindo para a formalização do mundo social, situando-se na interseção do cognitivo e do imaginário nacionais.

Com a finalidade de levantar informações que permitissem avaliar a forma como é classificada a população segundo as atribuições de cor nas pesquisas do IBGE e de maneira semelhante ao feito com a PNAD em 1976, a Pesquisa Mensal de Emprego, PME, de julho de 1998, aplicada em 6 Regiões Metropolitanas ¹, foi acrescentada de um suplemento com quatro quesitos indagando sobre cor e origem dos entrevistados. O presente estudo se propõe, a partir destas informações, a esmiuçar o arcabouço das denominações da cor utilizadas pela população brasileira em relação às categorias aplicadas nas pesquisas da Instituição para investigar estas características, reconstruir a sua origem etimológica, especificar os seus usos correntes e delimitar as suas significações regionais. Como complemento, são analisadas as respostas à pergunta sobre a origem dos entrevistados, tentando avaliar a sua possível contribuição para melhor entender a problemática em questão.

PRECISÕES CONCEITUAIS

A multiplicidade de origens da população de diversos países vem fazendo com que a categoria “etnicidade” adote uma posição cada vez mais estratégica nas análises históricas e sociais. A sua utilização nas estatísticas nacionais, no entanto, se defronta com diversos tipos de dificuldades tanto de ordem teórica-conceitual como empírica. O entrecruzamento de representações políticas, problemática

científica e categorização estatística se torna evidente nas discussões sobre as características próprias à população brasileira.

Por outro lado, as ambigüidades inerentes à definição de questões que compreendem fenômenos ligados à origem ou identidade como cor, ascendência, religião, etnicidade, raça, nacionalidade, etc. tornam necessária uma elaboração conceitual prévia das variáveis que se pretende investigar, para só depois poder se definir a abordagem mais adequada à redação dos quesitos que pretendem ser incluídos nas pesquisas.

Neste sentido, algumas dimensões precisam ser diferenciadas dentro do fenômeno em questão:

1. Uma primeira diz respeito às questões que se referem a:

Nacionalidade
Naturalidade
Cidadania

e que remete a definições da ordem jurídica-legal de pertença a uma nação, de identificação do lugar de nascimento e os direitos derivados e de participação cidadã efetiva no funcionamento de uma sociedade

2. Uma outra dimensão se refere à problemática relacionada com:

Cor e Raça

que apesar de ter relevado tradicionalmente o âmbito do biológico no que diz respeito à hereditariedade, se apoia sobre bases de identificação social e culturalmente construídas.

Esta dimensão pode ainda implicar formas distintas ou não de:

Auto-percepção (como a pessoa se vê)
Percepção da visão dos outros sobre si

3. Finalmente, uma terceira dimensão referida a:

Origem
Ascendência
Ancestralidade

que faz referência às linhagens das quais um indivíduo provêm, mediatas ou imediatas, junto a suas características de diversa índole.

É preciso considerar ainda que estas 3 dimensões podem ou não estar associadas dentro de uma mesma atribuição ou categoria e que esse fato torna qualquer pesquisa neste campo bastante complexa tanto na sua concepção quanto

¹ As 6 RMs são: Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

na análise de seus resultados. Este foi, talvez, o principal argumento para que o teste na PME incluísse os dois campos de investigação separados já mencionados, referentes à cor ou raça e à origem, admitindo-se em ambos a sua apreensão em quesitos abertos e fechados.

ANTECEDENTES

As referências às características dos povos que habitaram o território brasileiro remontam aos primórdios dos contatos de europeus com os ameríndios e continuam com as alusões aos africanos e seus descendentes crioulos a partir da segunda metade do século XVI. Ao longo do tempo variada nomenclatura seguiu o processo de miscigenação, dando conta da diversidade fenotípica resultante na população e também construindo socialmente identidades associadas. Pontuando algumas dessas referências são citados a seguir alguns autores que balizaram a formação dessa lexicografia, com mero propósito ilustrativo.

Já Caminha na sua carta ao Rei de Portugal, datada no “primeiro de mayo de 1500”, fala dos “homees da terra” que “a feiçam deles he seerem pardos maneira avermelhados de boôs rrostros e boos narizes bem feitos” (Castro, 1985; 41) . Como se verá depois, o vocábulo pardo é encontrado em documentos desde o século XII, devendo, por tanto, ser de uso corrente nesse ano de 1500. A sua utilização parece ser diretamente descritiva de uma característica fenotípica observada.

Mais tarde, Antonil faz referência no seu livro do início do século XVIII aos descendentes miscigenados de africanos, no capítulo sobre: “Como há de haver o senhor do engenho com seus escravos”. Ele diz: “Melhores ainda são para qualquer ofício os mulatos, porém, muitos deles, usando mal dos favores dos senhores, são soberbos e viciosos, e prezão-se de valentes, aparelhados para qualquer desaforo”, (Antonil, 1985; 51). O uso do termo mulato, neste caso, fazendo referência a um segmento da casta de escravos, parece incluir uma conotação pejorativa, indo além da função descritiva, para “muitos deles”.

No início do século XIX, Rugendas, já citado, afirmava: “Por mais estranha que possa parecer a asserção que vamos emitir, é menos ao sentido da vista, é menos à fisiologia que à legislação e à administração que corresponde decidir de que cor é tal ou tal indivíduo; os homens que não são de um preto bem pronunciado, aqueles que não mostram de uma maneira incontestável e sem mistura os caracteres da raça africana, não são necessariamente homens de cor; eles podem,

de acordo com as circunstâncias, ser considerados como Brancos” (1835). A definição da cor aparece aqui lúcida e precocemente remitida a uma decisão legal ou administrativa e não à ordem do perceptivo ou do biológico.

Modernamente, no século XX João Batista Lacerda apresenta no Primeiro Congresso Universal das Raças, Londres, 1911, seu relatório “Sur les métis du Brésil”, com uma postura crítica sobre o comportamento dos senhores de escravos que “sem nenhuma delicadeza, têm feito de concubinas estas mulheres escravas” (Spiller, 1911; 415). A utilização do termo mestiço remete aqui à ordem do biológico, para designar os produtos da miscigenação dos senhores brancos com as escravas africanas.

Na mesma época, Edgar Roquette-Pinto diferenciava, em 1912, três áreas do país de distribuição das “raças fundamentais”: ao Norte do Brasil, predominância do elemento caboclo; de Pernambuco ao Rio de Janeiro, de influência africana; Sul do país, de influência européia. Fazendo referência à ancestralidade, as três “raças” mencionadas correspondem a uma interpretação do autor.

Nas décadas de 40 e 50 Oracy Nogueira contribui com a sua diferenciação entre o que denomina “preconceito de marca” do “preconceito de origem”, definindo “preconceito racial (como) uma disposição desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população ... seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência que se lhes atribui” (Nogueira, 1985). O Brasil se caracterizaria por apresentar o primeiro destes preconceitos, “isto é, toma por pretexto para suas manifestações, os traços físicos do indivíduo”, enquanto nos Estados Unidos é encontrado o segundo. Segundo o autor, “a concepção de branco e não-branco, varia, no Brasil, em função do grau de mestiçagem, de indivíduo para indivíduo, de classe para classe, de região para região”.

ORIGEM DA TERMINOLOGIA

Para realizar um levantamento da gênese de alguns dos termos encontrados foi utilizada uma bibliografia composta basicamente por dicionários etimológicos das línguas portuguesa e espanhola, além de referências de trabalhos em francês. A breve pesquisa lexicográfica e de datação realizada indica que a aparição dos qualificativos relativos à miscigenação se situa entre os séculos XIV e XVII.

O adjetivo e substantivo “pardo”, se destaca como de mais antiga aparição e é definido como “de cor entre o branco e o preto, mulato” (Cunha, 1982). Tanto em

português como em espanhol parece derivar do latim *pardus* e do grego *pardos*, com significado leopardo (leão-pardo), pela sua cor obscurecida. Em espanhol é encontrado em citações desde 1073 e em português desde 1111 (Corominas, 1954). Aparece na carta de Caminha em relação aos habitantes por aqui encontrados ao desembarcar: “a feiçam deles he seerem pardos maneira avermelhados”. Em espanhol só é definido como adjetivo.

O substantivo “mulato”, designa a progênie de “pai branco e mãe preta ou vice-versa” (Cunha, 1982). Na bibliografia há amplo consenso de que deriva do similar castelhano, atestado nesta língua desde 1525, e que faz referência ao mulo, revelando “o parentesco de representações entre mestiçagem e hibridação entre espécies e sua associação recorrente com a infecundidade” (Bonniol & Benoist, 1994).

O termo “mestiço”, usado como adjetivo ou substantivo, nome ibérico, do espanhol *mestizo*, é definido como “nascido de pais de raças diferentes” (Cunha, 1982) onde apenas é indicado o século XIV como data de aparição no português. Deriva do latim tardio *mixticus*, de *mixtus*, participio passivo do verbo *miscere*, misturar. Na sua utilização nas Índias Ocidentais o termo parece designar, no início, somente a progênie de europeus com ameríndios.

O vocábulo “moreno”, da mesma forma adjetivo ou substantivo, “que ou aquele que têm cor trigueira” (Cunha, 1982), também deriva do espanhol procedente de *moro*, mouro, do latim *maurus*, habitante da Maurítania, na sua acepção original, encontrado como apelativo desde o século XIV (Corominas, 1954). De uso mais recente em português, sua aparição é atestada só no século XVI nesta língua (Cunha, 1982).

Estas 4 categorias analisadas compreendem 1/3 das respostas ao quesito cor aberto e envolvem as expressões mais assíduas referentes à progeneração de grupos miscigenados de brancos e negros. Além das mesmas se encontram outros nomes, com menor representatividade estatística, dando conta das qualificações aplicadas à descendência de uniões com a população indígena.

O termo “caboclo”, definido como substantivo, tanto pode ser utilizado para designar o “índio”, como o “mestiço de índio com branco” ou, ainda, “indivíduo de cor acobreada e cabelos lisos”, deriva, aparentemente, do tupi: *Cauoucolo*, 1645, *cabocolo*, 1648. (Cunha, 1982).

O também substantivo “cafuzo” é só definido como “mestiço” em Cunha (1982) onde se lhe atribui origem incerta. Já no Aurélio (1960), amplia-se seu

significado: “filho de negro e índio; mestiço de côr negra ou quase negra, cabelo corrido e grosso”.

Do adjetivo e substantivo “bugre” se faz referência como “*depreciativo*: designação genérica dada ao índio, especialmente o bravo e/ou guerreiro”, (Cunha, 1982).

Em relação ao termo “preto” alguns autores têm avançado hipóteses tentando desvendar suas origens, mas de fato “a etimologia do port. preto, esp. prieto, ainda esta por elucidar”, (Said-Ali, 1931) até hoje.

No que diz respeito a “branca”, como já foi dito, “em sentido rigoroso, é a neve, a cal o leite, a açucena, etc. Homem ou mulher com a pele exatamente da cor destes objetos, não existe, nem nunca existiu, apesar dos ‘braços’ e ‘pés de neve’ e do ‘colo que a neve escurecia’, expressões hiperbólicas com que se manifesta a fascinação pela beleza feminil. Na cor da pele de qualquer indivíduo da chamada raça branca ou caucásica transparece sempre entre o alvo e o róseo um amarelado ou morenado mais leve nos povos septentrionais, mais fortes nas gentes do meio-dia.”, (Said-Ali, 1931).

Entre os termos restantes, a maioria dos quais designam propriamente cores, tais como canela, castanho, jambo, loira, marrom, chocolate e vermelha, os mesmos fazem referência a plantas, frutas ou produtos vegetais, por assimilação. O adjetivo e substantivo “sará” é definido como “nome comum aos insetos lepidópteros noturnos de cor fulva, mariposa, 1587; *ext.* indivíduo de cabelos muito crespos, característico de certos mestiços, e de coloração fulva arruivada”, (Cunha, 1982).

Cabe assinalar, todavia, a utilização marcadamente regional de alguns destes vocábulos, com significação, portanto, variada segundo o contexto geográfico de que se trate. A análise destes padrões regionais, desenvolvida mais adiante, fará referência aos mesmos.

A QUESTÃO RACIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nosso ponto de partida

Numa sociedade como a brasileira, onde operam abertamente práticas de discriminação por cor nas diversas instâncias como a educação (Teixeira, 1986), na constituição de uniões maritais (Petruccelli, 1999), ocupação e oportunidades de emprego (Castro & Guimarães, 1993; Hasenbalg, 1992), distribuição da renda (Oliveira et al, 1983), moradia (Silva, 1993; Telles, 1991), entre outras, os indivíduos desenvolvem diversas estratégias para contrabalançar estas práticas. Uma delas se manifesta na multiplicação de um universo de significantes, construídos culturalmente para dar conta de nuances fenotípicas, que permite diversificar a identificação da cor numa escala cromática em posições relativas de distanciamento social variado com a categoria negro.

Esta construção paradigmática proporciona uma forma de adequação à ideologia dominante durante todo o século XX, sustentadora do mito da democracia racial, mas ocultando no seu bojo a tese de branqueamento da população. A multiplicidade de termos permitiria realçar na caracterização da “aparência” o componente de sangue mais claro: uma tentativa de procurar uma melhor aceitação social, apesar do outro componente ancestral socialmente inferiorizado que se quer, simbolicamente, manter dissimulado. Configura-se como uma via para administrar a passagem pelos estreitos canais de mobilidade social, no interior das práticas de “Racismo Cordial” (Folha de São Paulo, 1995), feliz expressão do jeitinho com que se pretende “solucionar” a questão racial no Brasil: eliminando nominalmente os pólos geradores míticos do conflito.

A ampla aceitação da categoria moreno, e seus congêneres, embora com caráter marcadamente regional dadas as variações estudadas, reflete o processo descrito no sentido da “produção” de uma cor “média”, quase no sentido estatístico, nas suas múltiplas expressões nuançadas, que se corresponderia com uma teórica abolição dos opostos na liça.

Além da importância antropológica de estudar estas escalas construídas e utilizadas pela população brasileira, com suas diferenças regionais, parece também importante avaliar o grau com que as mesmas se articulam e operam nos processos sociais de trabalho, educação, ascensão social, do ponto de vista socio-demográfico, que ficam, contudo, fora do alcance deste trabalho.

A abordagem estatística

No primeiro Censo de População realizado no país em 1872, a classificação por cor estava presente na forma de 4 opções de resposta: branco, preto, pardo e caboclo. Em 1890, data do segundo censo nacional, foi utilizado o termo mestiço em substituição a pardo, continuando a serem usadas as outras três categorias. Se verifica assim a utilização de dois critérios simultâneos na classificação da população no mesmo quesito: um que aponta para o registro da “cor” do entrevistado, utilizando as categorias de branco e preto e outro que remete à ascendência ou origem racial, manifestando-se na utilização do termo caboclo para classificar os ameríndios e descendentes e mestiço para os produtos das uniões de pretos e brancos.

Nos censos de 1900 e 1920 não foi coletada a informação sobre cor.

A partir do Censo de 1940, as categorias utilizadas no quesito cor se mantêm inalteradas, incluindo: branco, pardo, preto (mesmo que com critérios de atribuição diferentes) e amarelo, esta última para dar conta da imigração japonesa ocorrida fundamentalmente entre 1908 e 1930. A instrução para o preenchimento do quesito, em 1940, foi de que se considerassem só as categorias de branca, preta e amarela das respostas, lançando um traço no espaço correspondente no casos restantes. Desta maneira, uma quarta categoria residual, a de cor parda, foi definida para os que utilizaram outras denominações de cor.

No censo de 1970, como já foi assinalado, mais uma vez a variável foi excluída da pesquisa. A partir do recenseamento de 1980 o quesito voltou a ser pesquisado, acrescentando a categoria indígena às já mencionadas.

Atualmente, depois de mais de 20 anos desde que a classificação por Cor/Raça voltou a ser incluída nos recenseamentos de população (1980) assim como também passou a integrar outros inquéritos (PNAD/87), um estudo visando a avaliação da forma como o mesmo está sendo investigado e os resultados que produz, tornou-se indispensável.

Entretanto, neste período não são poucos os autores que têm se debruçado sobre esta questão, que no momento também se constitui em foco de atração dos estudiosos em outros países onde a relevância da problemática assim o exige e em razão da proximidade da realização do Censo demográfico do fim do milênio. Canadá, EUA, Inglaterra sendo os mais notáveis, na França e em outros o tema se destaca por seu particular interesse.

Entre os diversos trabalhos publicados no país sobre o tema se encontram conclusões que vão desde a aprovação do sistema classificatório que vêm sendo

utilizado pelo IBGE, até a sua franca rejeição. Entre os primeiros encontram-se afirmações como a seguinte: “Acreditamos que a tradicional forma de mensurar a identidade racial nas estatísticas oficiais é fundamentalmente válida e que, portanto, os estudos que a utilizam ... devem cobrir com razoável fidedignidade a dimensão racial que pretendem mensurar” (Silva, 1992; 41), baseado numa análise dos resultados da PNAD/76. Entre os que o rejeitam, há quem afirme que: “O sutil e fluido caráter da identificação subjetiva da raça no Brasil levanta críticas preocupações metodológicas para os analistas que usam dados do IBGE para determinar a composição racial do Brasil e para aqueles que fazem análises comparativas dos diferenciais sócio-econômicos segundo a cor da pele” (Wood, 1995).

Também há os que levantam controvérsias sobre “the unreliability of the Brazilian racial census”, (Harris et al, 1993; 453), utilizando uma pesquisa própria. Além disso, tendo detectado na sua pesquisa um aumento na proporção de brancos, quando a opção “moreno” era proporcionada aos entrevistados, interpretado como efeito da rejeição da categoria pardo pelos “não brancos”, os autores “colocam o ônus da prova naqueles que podem desejar diminuir nossos achados em relação ao censo nacional”² (Harris et al, 1993; nota 8). De alguma maneira, os pesquisadores do IBGE, estamos sendo convocados.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE

Pergunta aberta: quantas denominações da “cor”?

Embora o número total de respostas diferentes à pergunta aberta sobre cor supere largamente uma centena de denominações, as informações levantadas com o teste da PME permitem verificar que só algumas delas são verdadeiramente relevantes, seja em termos de representatividade, número de casos na amostra, ou de significação enquanto expressão de uma identidade de cor. Assim, dos 143 nomes diferentes encontrados (Anexo 1), 77, ou seja 53.8% entre eles, aparecem só uma vez na amostra pesquisada; outras 12 qualificações se referem a nacionalidade, como italiana, francesa, e outras, a Unidade da Federação de procedência ou nascimento, como cearense, baiano, etc. ou ainda fazem referência de uma forma vaga à origem geográfica, como “latino-americana”.

Além disso, a lista de nomes mencionada inclui uma ampla maioria de variações de denominações básicas que podem ser agrupadas sem temor de impugnar a variabilidade encontrada. O caso, por exemplo, de “morena branca”, “branca morena” e “branca morena clara”, constitui um bom exemplo da possibilidade de agrupar estas respostas, e outras similares, dentro de uma mesma categoria conceptual que estaria expressando a mesma identificação enquanto à cor do entrevistado. Um outro caso que merece destaque é o das 16 denominações que complementam a cor branca com um qualificativo particular. Parecem remeter a uma diferenciação hierárquica com o branco “puro”.

Desta forma, do conjunto de respostas obtidas puderam ser identificados 27 grupos de categorias (ver critérios no Anexo 2), a partir das quais foi redefinida a variável para ser utilizada na maior parte das análises realizadas neste trabalho.

Estas informações da PME de 98 aqui estudadas foram, ademais, comparadas às categorias do suplemento da PNAD de 1976 sobre Mobilidade e Cor, únicas duas experiências a nível nacional levadas a cabo com similitude de propósitos. Consta na apresentação das tabelas com os resultados desta pesquisa que, “com o objetivo de aprimorar a investigação sobre a ‘cor das pessoas’ ... foi lançado em novembro de 1976, concomitantemente com os questionários habituais da PNAD, um boletim especial (PNAD 1.02)”, (IBGE, s/d).

Dado que a PME é realizada em 6 regiões metropolitanas e aplicada à população de 10 anos e mais de idade, foi selecionado da PNAD o sub-conjunto de informações compatível para ser comparado, mantendo ambas pesquisas a sua representatividade inter-regional.

Uma boa parte das análises feitas com este tipo de informações assinala como, de fato, um conjunto bem pequeno de termos de uso espontâneo cobre quase a totalidade do espectro de identificações levantado: assim, as 7 primeiras categorias da PME listadas acumulam 97% das respostas e as 10 primeiras alcançam uma cobertura de 99% das mesmas. Mas há de se notar uma constância: a de que entre estas a metade se refere a denominações intermediárias de cor, ou seja a nuances na escala cromática entre o branco e o preto, incluindo os termos: morena, parda, morena clara, mulata, clara, etc. sustentando o expressado no item 5.1. supra.

Por outro lado, pode-se constatar como entre as principais categorias, as de branca e parda viram sua participação relativa aumentada nas respostas à pergunta

² “place the burden of proof on those who may wish to discount our findings in relation to the national census”.

aberta entre 1976 e 1998, de 50 para 54% a primeira e de 8.5 para 10.5%, aproximadamente, a segunda. Enquanto isso, a identificação de cor morena, a segunda em importância relativa, viu-se sensivelmente diminuída no mesmo período, de 25 para menos de 21%. Os grupos de cor preta e escura também se viram diminuídos na sua participação no período, fato que parece, em parte, compensado pelo aumento da identificação de cor negra, a qual quase não figurava em 76 e que passa para mais de 3% em 98. A soma destas três categorias alcança a quase 7% na PNAD e a menos de 8% na PME.

Tabela 1.- Distribuições das categorias de auto-identificação de cor nas duas pesquisas (Pergunta aberta) *

Categorias	PME/98	PNAD/76
Branca	54.24	49.45
Morena	20.89	24.80
Parda	10.40	8.47
Preta	4.26	5.61
Negra	3.14	0.10
Morena clara	2.92	2.75
Amarela	1.11	1.53
Mulata	0.81	1.24
Clara	0.78	1.50
Morena escura	0.45	0.54
Escura	0.38	1.08
Indígena	0.13	--
Brasileira	0.12	--
Mestiça	0.08	0.05
Loira	0.05	0.39
Branca + **	0.04	0.01
Sarara	0.04	0.09
Marrom/Chocolate	0.03	0.04
Jambo	0.02	0.03
Cabo Verde	0.02	0.01
Vermelha	0.02	0.01
Cabocla	0.02	0.05
Castanha	0.01	0.27
Galega	0.01	0.01
Canela	0.01	0.11
Cafuzo	0.01	--
Bugre	0.00	--
Outras	--	1.86
Total	100.00	100.00

* Não são considerados na análise os sem resposta, que alcançaram 0.26% em 98 e 0.94% em 76.

** Nesta categoria foram incluídas a qualificação da cor branca com algum outro termo complementar.

As distribuições da população segundo as categorias da pergunta fechada, no entanto, apresentaram pequenas modificações entre essas duas datas, correspondendo às seguintes distribuições:

Tabela 2.- Distribuições das categorias à classificação de cor (Pergunta pré-codificada)

Pesquisa:	Cor			
	Branca	Parda	Preta	Outras
PNAD/76	62.3	26.0	8.1	2.9
PME/98	58.8	29.7	9.4	2.2

Distribuição da cor por gênero

A tabela não apresenta diferenças significativas na declaração da cor entre homens e mulheres para o conjunto das regiões metropolitanas estudadas, com a exceção da categoria branca, onde aparece uma proporção ligeiramente superior de mulheres do que de homens. Desde que as mesmas distribuições por região também não mostraram diferenças, no decorrer do trabalho serão só apresentados os resultados para o conjunto da população, sem diferenciação por gênero.

Tabela 3.- Distribuição da população por gênero segundo a cor (pergunta. aberta)

	Homens	Mulheres	TOTAL
AMARELA	1.16	1.06	1.11
BRANCA	53.04	55.31	54.24
BRANCA*	0.05	0.03	0.04
BRASILEIRA	0.11	0.13	0.12
BUGRE	0.00	0.01	0.00
CABOCLA	0.02	0.01	0.02
CABOVERDE	0.03	0.01	0.02
CAFUSO	0.02	0.00	0.01
CANELA	0.01	0.01	0.01
CASTANHO	0.02	0.01	0.01
CLARA	0.80	0.76	0.78
ESCURA	0.45	0.32	0.38
GALEGO	0.02	0.00	0.01
INDIGENA	0.14	0.11	0.13
JAMBO	0.01	0.03	0.02
LOIRA	0.06	0.04	0.05
Marrom/Chocolate	0.02	0.03	0.03
MESTICA/MISTA	0.09	0.07	0.08
MORENA	21.66	20.20	20.89
MORENACLARA	3.02	2.83	2.92
MORENAESCURA	0.59	0.33	0.45
MULATA	0.77	0.85	0.81
NEGRA	3.15	3.14	3.14
PARDA	10.39	10.42	10.40
PRETA	4.32	4.21	4.26
SARARA	0.04	0.04	0.04
VERMELHA	0.03	0.02	0.02
TOTAL	100.00	100.00	100.00
TOTAL (Abs.)	16074554	17970711	34045265

Diferenciais por idade

Na tentativa de elucidar o efeito da idade na declaração de cor das pessoas, foram realizados os cruzamentos das respostas às perguntas aberta e pré-codificada de cor, que são apresentadas a seguir.

Tabela 4.- Distribuição da população por grupos de idade segundo as principais categorias de cor (pergunta aberta)

COR	10 a 19	20 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 e +	Total
Amarela	0.7	1.0	0.8	1.2	1.8	1.9	1.1
Branca	50.7	52.0	52.6	55.1	58.5	63.1	54.2
Clara	0.7	0.8	0.8	0.7	1.0	0.8	0.8
Escura	0.3	0.3	0.5	0.4	0.4	0.4	0.4
Indígena	0.1	0.1	0.1	0.2	0.2	0.1	0.1
Morena	24.0	22.9	21.8	19.5	17.5	14.6	20.9
Mor. Cl.	3.1	2.9	3.4	2.8	2.7	2.1	3.0
Mor. Es.	0.6	0.5	0.4	0.5	0.2	0.4	0.5
Mulata	0.6	0.7	0.9	0.9	0.9	1.2	0.8
Negra	2.9	3.4	3.0	3.5	3.4	2.8	3.1
Parda	11.7	10.7	10.8	10.4	8.6	8.0	10.4
Preta	4.2	4.1	4.3	4.4	4.5	4.2	4.3
Outras	0.4	0.6	0.6	0.1	0.3	0.4	0.4
TOTAL	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

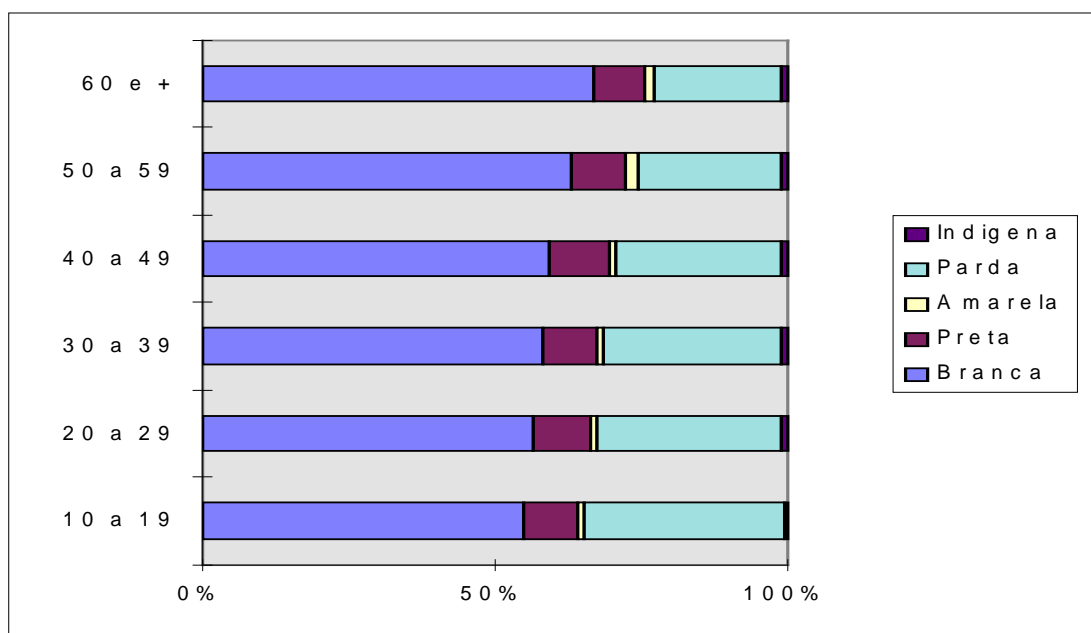
Na tabela anterior pode-se ver como as 3 identificações de cor mais significativas numericamente, quais são branca, morena e parda, mostram variações importantes segundo a idade da população. A proporção de pessoas que se declaram morenas ou pardas aumenta significativamente quando a idade diminui, sendo que o inverso ocorre com as que se identificam como brancas.

Entretanto, há de se atentar para o fato de que aqui estão sendo comparadas informações que se referem a sobreviventes de distintas coortes. Assim, pessoas mais idosas na data da pesquisa provêm de coortes que sofreram durante mais tempo que as outras a ação da mortalidade, podendo refletir os efeitos diferenciais da mesma por grupos de cor. Para uma melhor avaliação destes possíveis efeitos, são apresentadas as distribuições da população por idade segundo a classificação por cor na pergunta pré-codificada.

Tabela 5.- Distribuição da população por grupos de idade segundo a cor (pré-codificada)

Cor	10 a 19	20 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 e +	Total
Branca	54,9	56,8	58,0	59,5	62,9	66,8	58,8
Preta	9,2	9,6	9,3	9,9	9,5	8,5	9,4
Amarela	0,9	1,2	0,9	1,4	2,0	2,1	1,3
Parda	34,2	31,5	30,8	28,3	24,8	21,8	29,7
Indígena	0,8	0,9	0,9	1,0	0,9	0,8	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Gráfico 1.- Distribuição da população por grupos de idade segundo a cor (pré-codificada)



Comparando com os dados do Censo Demográfico de 1940, onde aparece 63.5% de população classificada como branca, 21.2% como parda e 14.7% como preta, pode-se ver que os resultados coincidem de forma bastante razoável com a distribuição do grupo de 60 e mais anos de idade no teste da PME, indicando o possível efeito da mortalidade diferencial por cor na menor proporção do grupo preto.

Cor espontânea por cor pré-codificada

Cruzando as categorias das perguntas de cor aberta pela fechada pode-se constatar que as grupos de cor branca e amarela apresentam uma consistência bem elevada entre a auto-identificação espontânea e a classificação pré-codificada da cor: mais de 90% dos que se identificaram como de cor branca na pergunta fechada tinham se declarado da mesma cor na pergunta aberta e entre os de cor amarela esta percentagem é de quase 84%. Entre as pessoas que se classificaram como de cor preta na pergunta fechada, mais de 44% tinham se declarado da mesma maneira na pergunta aberta, 31% como de cor negra e pouco mais de 3% como de cor escura; estes resultados podem indicar uma consistência também razoavelmente elevada entre estas categorias de resposta às duas perguntas, embora estejam mostrando matizes que apontam para uma diversidade a ser melhor estudada mais adiante.

No outro extremo em relação à consistência entre as duas formas de levantar a cor do entrevistado, se encontra a categoria indígena. A partir dela o espectro classificador se afasta da dimensão “cor”, a princípio estabelecida pelo conjunto dos termos restantes, na medida em que faz referência a um dado de origem, ancestralidade ou pertença étnica. Nesse sentido, estaria introduzindo uma dimensão de conotação mais propriamente “racial”, no sentido biológico, mesmo que a sua utilização esteja as vezes também impregnada de marcadores culturais, dependendo do caso, e não mais da percepção de características fenotípicas da pessoa entrevistada. Menos de 14% dos que se classificaram como indígenas na pergunta fechada, o tinham feito dessa forma na pergunta aberta, enquanto que em torno de 62% tinham se auto-declarado morenos, categoria que acolhe uma ampla diversidade de tipos e com significação marcadamente regional, como se verá mais adiante..

O caso da categoria de cor parda é a que proporciona as variações mais interessantes de serem estudadas, ao lado do conjunto de denominações que dão conta de matizes intermediários da classificação de cor. Mais de 34% das pessoas que se classificaram dessa forma na pergunta fechada já tinham escolhido espontaneamente este qualificativo para declarar sua cor na pergunta aberta, mostrando que o grau de utilização espontânea deste termo é bastante significativo. Mas por outro lado, pode-se constatar que em torno de 54% dos mesmos escolhem a denominação “morena” para sua auto-classificação, caracterizada pelo ecletismo do seu uso para fins de identificação no quesito cor. A tabela 6.2 mostra que 77%

dos que utilizam o termo moreno na pergunta aberta se classificam como de cor parda na fechada, mas que também 14% dos mesmos o fazem na de cor branca e 6% na de cor preta.

Tabela 6.- Distribuição das categorias de cor na pergunta fechada segundo a pergunta aberta (Valores absolutos)

	Branca	Preta	Amarel	Parda	Indígen	TOTAL
AMARELA	12329	906	359012	3672	556	376475
BRANCA	18193780	20529	25483	133700	12236	18385728
BRANCA*	11999	0	0	1335	542	13876
Brasileira	37174	926	192	2468	0	40760
BUGRE	192	0	0	576	768	1536
CABOCLA	192	556	0	2632	1951	5331
CaboVerde	0	1638	0	3458	2002	7098
CAFUSO	208	789	0	2252	208	3457
CANELA	416	988	0	2150	182	3736
CASTANHO	2938	0	0	1666	0	4604
CLARA	229640	925	3131	31698	379	265773
ESCURA	748	104411	0	20867	1817	127843
GALEGO	2800	0	364	780	0	3944
INDIGENA	192	0	566	921	41723	43402
JAMBO	1163	192	0	6264	416	8035
LOIRA	15787	789	0	0	0	16576
MaromChoc	395	3303	0	4962	0	8660
MestiçaMist	4726	4090	192	16246	2078	27332
MORENA	973601	443927	26834	5448191	185711	7078264
Morenaclara	379869	14457	7979	565727	22468	990500
MorenaEsc	4229	58155	364	83764	6344	152856
MULATA	5048	69025	0	195478	3740	273291
NEGRA	3510	984851	187	69510	5291	1063349
PARDA	36177	49413	3694	3427620	7494	3524398
PRETA	5404	1414512	937	25121	2399	1448373
SARARA	1174	3002	972	7766	0	12914
VERMELHA	4138	0	789	577	1513	7017
TOTAL	19927829	3177384	430696	10059401	299818	33895128

Tabela 6.2.- Distribuição das categorias de cor na pergunta fechada segundo a pergunta aberta (Percentuais na horizontal)

	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígen	TOTAL
AMARELA	3,27	0,24	95,36	0,98	0,15	100,00
BRANCA	98,96	0,11	0,14	0,73	0,07	100,00
BRANCA*	86,47	0,00	0,00	9,62	3,91	100,00
BRASILEIRA	91,20	2,27	0,47	6,05	0,00	100,00
BUGRE	12,50	0,00	0,00	37,50	50,00	100,00
CABOCLA	3,60	10,43	0,00	49,37	36,60	100,00
CABOVERDE	0,00	23,08	0,00	48,72	28,21	100,00
CAFUSO	6,02	22,82	0,00	65,14	6,02	100,00
CANELA	11,13	26,45	0,00	57,55	4,87	100,00
CASTANHO	63,81	0,00	0,00	36,19	0,00	100,00
CLARA	86,40	0,35	1,18	11,93	0,14	100,00
ESCURA	0,59	81,67	0,00	16,32	1,42	100,00
GALEGO	70,99	0,00	9,23	19,78	0,00	100,00
INDIGENA	0,44	0,00	1,30	2,12	96,13	100,00
JAMBO	14,47	2,39	0,00	77,96	5,18	100,00
LOIRA	95,24	4,76	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrom/Choc	4,56	38,14	0,00	57,30	0,00	100,00
MestiçaMista	17,29	14,96	0,70	59,44	7,60	100,00
MORENA	13,75	6,27	0,38	76,97	2,62	100,00
Morenaclara	38,35	1,46	0,81	57,12	2,27	100,00
MorenaEscur	2,77	38,05	0,24	54,80	4,15	100,00
MULATA	1,85	25,26	0,00	71,53	1,37	100,00
NEGRA	0,33	92,62	0,02	6,54	0,50	100,00
PARDA	1,03	1,40	0,10	97,25	0,21	100,00
PRETA	0,37	97,66	0,06	1,73	0,17	100,00
SARARA	9,09	23,25	7,53	60,14	0,00	100,00
VERMELHA	58,97	0,00	11,24	8,22	21,56	100,00
TOTAL	58,79	9,37	1,27	29,68	0,88	100,00

Padrões regionais das denominações da cor

Deve-se ressaltar que as distribuições recém analisadas, resultado do cruzamento entre os quesitos de Cor aberto e fechado, expressam uma tendência média a nível nacional das respostas. Entretanto, observando separadamente os resultados por Região Metropolitana, pode-se verificar uma diferenciação geográfica bem clara dos padrões de identificação segundo a cor (ver Anexo 3). Isto aparece como particularmente importante no que diz respeito às distribuições das categorias intermédias de cor, como morena, parda, e outras. Como exemplos desta considerável diversidade encontrada, pode-se citar que enquanto em Porto Alegre apenas 5% das pessoas se identificam como morenas, em Recife 52% o fazem nesta categoria. Por outro lado, entre as pessoas classificadas como de cor parda nesta última Região Metropolitana, 82% se declaram como de cor morena na pergunta aberta, enquanto que em Porto Alegre os mesmos não alcançam a um 30%.

Em se tratando de regiões com estruturas demográficas por grupos de cor também bastante diferentes, poderia se pensar que as mesmas conseguissem explicar as variações anotadas. Não parece ser o caso, entretanto, uma vez que ao se considerar a RM de Salvador, por exemplo, que apresenta uma percentagem maior de pessoas na categoria de cor parda que a de Recife segundo a pergunta fechada (57% e 44% respectivamente, ver Anexo 4), menos de 40% das mesmas usaram a designação morena para se auto-classificar na pergunta aberta, o que representa, em termos relativos, menos da metade, das que o fazem em Recife (82%), como já foi citado (Anexo 3.1). Por outro lado, em Salvador, quase metade (47%) dos classificados de cor parda, na pergunta fechada, tinham se auto-identificado desta maneira na pergunta aberta, enquanto que em Recife este percentual é de só 4%. Estes padrões regionais precisam, assim, ser melhor estudados e considerados nas análises, na medida do possível. Na tabela a seguir são apresentadas as distribuições das respostas à pergunta aberta de cor nas 6 regiões metropolitanas estudadas, considerando as 11 categorias mais importantes.

Tabela 7.- Distribuição das categorias da pergunta aberta de cor, entre as mais significativas, por Regiões Metropolitanas

Cor/Resp. Esp.	Recife	Salvador	Belo Horiz	Rio de Jan	São Paulo	P. Alegre
AMARELA	0,4	0,4	0,2	0,1	2,4	0,1
BRANCA	32,5	19,5	37,0	56,1	61,6	80,1
CLARA	0,2	0,7	3,8	0,5	0,5	0,4
ESCURA	0,0	1,7	0,8	0,6	0,0	0,0
MORENA	52,0	25,7	35,5	14,1	18,4	5,2
MORENACLARA	8,0	3,9	8,8	0,8	2,1	1,4
MORENAESCURA	0,8	1,5	1,8	0,1	0,2	0,0
MULATA	0,2	1,5	0,4	2,0	0,3	0,2
NEGRA	1,6	7,6	4,2	2,8	2,9	1,9
PARDA	1,9	26,7	3,8	16,0	8,6	4,0
PRETA	1,9	9,4	3,3	6,5	2,7	4,7
OUTRAS	0,5	1,4	0,4	0,4	0,4	1,9
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Esta tabela apresenta de forma resumida a composição da população por cor nas diferentes regiões metropolitanas estudadas, mostrando amplos contrastes entre as mesmas. Assim, pode-se constatar, por exemplo, uma variação de 1 para 4 na presença de pessoas que se declaram de cor branca entre as RMs, indo de quase 20% em Salvador até 80% em Porto Alegre. Verifica-se também, no sentido inverso, variações de 1 para 10 na proporção de pessoas na categoria morena: 5% para Porto Alegre e mais de 50% para Recife. A categoria parda, por outro lado, aparece com menos de 2% das respostas em Recife e com mais de 26% em Salvador. Observando a distribuição da categoria de cor preta entre as RMs, pode-se ver que Recife apresenta a menor proporção de respostas na mesma, menos de 2%, seguida de São Paulo e Belo Horizonte, com em torno de 3%, Porto Alegre com quase 5%, Rio de Janeiro com 6.5% e finalmente Salvador com mais de 9%, o maior valor. A seguir se apresenta a distribuição denominações intermediárias de cor somadas, de forma a visualizar a localização relativa de cada RM.

Tabela 8.- Soma das denominações intermediárias de cor (pergunta aberta)

Cor/Resp. Esp.	Recife	Salvador	Belo Horiz	Rio de Jan	São Paulo	P. Alegre
Categ. Intermed	63,0	61,0	51,1	33,6	29,6	10,8

Pode-se observar como as RMs se distribuem em 4 patamares bem diferenciados: Porto Alegre, com em torno de 10%, Rio de Janeiro e São Paulo, com 30%, aproximadamente, Belo Horizonte com a metade de sua população nestas categorias e por fim Salvador e Recife com em torno de 60%. Mas, como se

constata na tabela a seguir, os padrões de utilização dos seis termos mais importantes são extremamente variados e não observam a distribuição dos patamares anotados.

Tabela 9.- Distribuição relativa das denominações intermediárias de cor por RM

<u>Cor/Resp. Esp.</u>	<u>Recife</u>	<u>Salvador</u>	<u>Belo Horiz</u>	<u>Rio de Jan</u>	<u>São Paulo</u>	<u>P. Alegre</u>
ESCURA	0,0	2,8	1,6	1,8	0,0	0,1
MORENA	82,6	42,1	69,5	42,0	62,1	48,1
MORENACLARA	12,7	6,4	17,2	2,4	7,1	13,0
MORENAESCURA	1,3	2,5	3,5	0,3	0,7	0,0
MULATA	0,3	2,5	0,8	6,0	1,0	1,9
PARDA	3,1	43,8	7,4	47,6	29,0	37,0
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Segundo a tabela acima, a maior concentração de pessoas, entre as denominações intermediárias de cor, aparece na população da cidade de Recife, onde mais de 96% escolhe a designação de morena (incluindo morena clara e morena escura) para identificar a sua cor, pouquíssimo aparecendo as restantes categorias intermediárias. No outro extremo se encontra a Região Metropolitana de Rio de Janeiro, onde pouco mais de 40% da população se auto-indentifica como morena, aparecendo a categoria de parda com o maior percentual de utilização relativa entre as RMs estudadas, 48%. Esta última categoria de cor parece delinear-se como o correlato inverso do termo moreno, dado que onde mais ela é utilizada, menos o é este outro. Assim, no Rio de Janeiro e em Salvador entre 40 e 50% das pessoas utilizam espontaneamente o termo pardo para designação de sua cor, os maiores valores entre as seis RMs, enquanto que nas mesmas também se observam as menores participações relativas da categoria morena. Por outro lado, em Recife e Belo Horizonte, onde entre 87 e 97% das pessoas usam a categoria morena, só entre 3 e 8% se identificam como pardos.

Outro dado interessante a ser observado se refere à distribuição das pessoas identificadas como de cor morena, segundo a variável cor pré-codificada, nas RMs.

Tabela 10.- Distribuição relativa da categoria morena por cor pré-codificada e Regiões Metropolitanas

RM	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Total	% Total
Recife	14,4	12,6	0,5	69,0	3,5	100,0	52,0
Salvador	4,6	6,8	0,1	86,9	1,6	100,0	25,7
B H	14,3	7,6	0,3	75,1	2,7	100,0	35,5
R J	14,9	3,5	0,6	77,4	3,7	100,0	14,1
S P	13,6	3,2	0,3	81,2	1,8	100,0	18,4
P A	33,7	15,7	0,7	44,1	5,8	100,0	5,2

Nesta tabela pode-se constatar como o termo moreno, proposto por alguns autores como possível substitutivo da categoria de cor parda nas pesquisas (Harris et al, 1993; Schwarcz, 1996), se distribui diferencialmente entre as categorias de cor da pergunta fechada e segundo as regiões. Em relação à categoria parda - a que aparece captando a maior proporção dos auto-identificados como morenos - ela varia entre 44% em Porto Alegre até 87% em Salvador. Assim, mesmo se nesta RM quase 9 de cada 10 dos que se auto-indentificam como de cor morena na pergunta espontânea sinalizam a categoria parda como forma “equivalente” na pergunta pré-codificada, nas outras RMs se encontram variações importantes, chegando em Porto Alegre a 34% dos mesmos se classificarem como brancos e ainda 16% como pretos, nível próximo ao encontrado em Recife (13%), de características demográficas por cor bem diferentes. Desta maneira, a designação de “moreno” parece expressar, de fato, uma variedade importante de significações no país, variedade que se vê reforçada segundo as diferentes regiões, dados os diferentes pesos apresentados pelas outras categorias nas distribuições desta última tabela. Todavia, estas variações não parecem apresentar correlação alguma com o peso desta categoria por RM, desde que em Recife e Porto Alegre, exemplos extremos da presença de morenos, o percentual que se declara, entre os mesmos, como de cor preta na pergunta fechada, são bastante similares.

Estas expressivas diferenças inter-regionais no uso de categorias identificatórias de cor, evidenciam um fato de importância capital para o estudo das características da população brasileira: o da variação regional nos significados dos termos utilizados na classificação que aqui se está analisando. Isto já tinha sido também constatado em estudos anteriores, como o elaborado a partir dos resultados da PNAD 76 em Valle Silva, 1996. Por outro lado, nos seus princípios e recomendações para a realização de censos de população de 1959, a ONU “reconhece estar o levantamento de características étnicas, raciais e de nacionalidade sujeito a condições e necessidades nacionais e portanto não

recomenda critérios de aceitação universal” (Costa, 1974). Este mesmo raciocínio pode ser aplicado ao nível de agregação nacional, destacando assim as necessidades regionais às quais o levantamento estaria sujeito. As informações analisadas no presente trabalho estariam indicando que o estudo das características de cor da população do país, pode ser fragmentado a um nível menor, qual seria o da região, nas atribuições de significados relevantes e diferenciados desta variável.

Condição na família

Como mais uma forma de caracterizar a população em estudo, se apresenta a distribuição da mesma por condição na família segundo a cor.

Tabela 11.- Distribuição da população por condição na família segundo as principais categorias de cor (pergunta aberta)

COR	Chefe	Conjuge	Filho	Parent	Agreg	Pension	EmDom	Total
AMARELA	1,1	1,1	1,0	1,2	0,8	6,6	0,0	1,1
BRANCA	54,4	56,9	52,8	51,7	50,7	60,4	41,8	54,2
CLARA	0,8	0,7	0,8	0,6	0,8	0,0	0,3	0,8
ESCURA	0,5	0,3	0,3	0,6	0,2	0,0	0,7	0,4
INDIGENA	0,1	0,2	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2	0,1
MORENA	20,2	20,1	22,0	21,9	19,1	17,7	21,8	20,9
MorenaClara	3,1	2,8	3,0	2,7	2,1	2,1	1,9	2,9
MorenaEscura	0,5	0,3	0,5	0,5	0,4	0,3	0,8	0,5
MULATA	0,9	0,9	0,7	0,8	1,6	0,0	2,2	0,8
NEGRA	3,4	2,6	3,1	3,6	5,7	0,3	6,2	3,1
PARDA	9,8	10,3	11,0	10,5	11,1	10,2	14,8	10,4
PRETA	4,6	3,5	4,3	5,2	7,0	2,1	9,4	4,3
OUTRAS	0,5	0,5	0,4	0,5	0,6	0,3	0,0	0,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A diferença mais importante nesta tabela aparece na distribuição da categoria de Empregados Domésticos, onde é encontrada a menor proporção de pessoas de cor branca, menos de 42%. Conseqüentemente, maior proporção de indivíduos aparecem nos grupos de cor mulata, negra, parda e preta. Contudo, isto não faz mais que refletir as diferenças na distribuição da população por ocupação segundo a cor.

Educação

Complementando a caracterização das respostas à classificação por cor espontânea, a tabela a seguir apresenta a distribuição das mesmas por grau da última série concluída.

Tabela 12.- Distribuição das pessoas que concluíram curso por grau da última série concluída, segundo as principais categorias de cor (pergunta aberta)

Cor	TOTAL	Não freq.	Elementar	1o. Grau	2o. Grau	Superior
AMARELA	1,1	0,4	1,0	0,6	1,2	3,5
BRANCA	54,2	39,5	52,6	46,9	60,6	80,3
CLARA	0,8	0,5	1,0	0,8	0,8	0,4
ESCURA	0,4	0,8	0,5	0,4	0,2	0,0
INDIGENA	0,1	0,2	0,2	0,1	0,1	0,0
MORENA	20,9	29,1	20,9	25,4	17,0	6,9
MorenaClara	2,9	3,1	3,1	3,4	2,6	1,3
MorenaEscura	0,5	0,8	0,5	0,6	0,3	0,0
MULATA	0,8	1,0	1,1	0,8	0,7	0,5
NEGRA	3,1	4,2	3,3	3,3	3,0	1,8
PARDA	10,4	11,9	10,2	12,2	9,9	4,1
PRETA	4,3	7,9	5,1	5,0	3,1	0,8
OUTRAS	0,5	0,5	0,5	0,5	0,4	0,3
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

O comportamento bem diferenciado entre as categorias amarela e branca, por um lado, e as restantes é bem notório nestes dados. Para as duas primeiras categorias a proporção de pessoas aumenta junto com o nível do último curso concluído, enquanto para as restantes a associação é negativa. Ou seja, as pessoas que não se identificam amarelas ou brancas aparecem com menor acesso aos níveis mais altos de escolarização, ao mesmo tempo que figuram em proporções mais altas que a média entre os que nunca freqüentaram escola.

Origem

A pergunta: quais as origens que o Sr.(a) considera ter? deixando à inteira iniciativa do entrevistado a definição do que se estava querendo perguntar, fez com que 3/4 da população se orientasse para a dimensão da identidade nacional, concentrando-se na categoria brasileira como resposta. Apesar de que, entre os mesmos, só 11% deram também uma segunda opção, a análise destes dados mostra um leque bem interessante a ser estudado considerada a sua amplitude.

Devem ser destacados, também, os percentuais significativos das categorias que remetem à questão da cor, os quais poderão fornecer elementos complementares para aprofundar o estudo da mesma. As principais categorias para a primeira resposta de origem e para a segunda resposta, entre os que declaram brasileira na primeira, foram:

Tabela 13.- Distribuição da 1ª. e 2ª. resposta de origem (com a 1ª. brasileira)

1ª. resposta	%	2ª. resposta	%
Brasileira	75.0	Portuguesa	23.4
Italiana	5.1	Italiana	22.8
Portuguesa	4.6	Indígena	15.7
Alemã	2.1	Negra	13.5
Indígena	2.2	Espanhola	8.2
Negra	1.5	Alemã	5.1
UF/Municip.	3.2	Africana	3.1
Espanhola	1.9	Japonesa	1.7
Africana	1.0	Francesa	0.9
Outros	0.5	Outros	0.6
Japonesa	1.0	Índia	0.6
Cabocla	0.2	Árabe	0.6
Índia	0.2	Holandesa	0.5
Polonesa	0.2	UF	0.5
Árabe	0.2	Polonesa	0.3
Branca	0.1	Inglesa	0.3
Francesa	0.2	Russa	0.3
Holandesa	0.1	Libanesa	0.2
Argentina	0.1	Turca	0.2
Bugre	0.1	Austriaca	0.2
Libanesa	0.1	Judaica	0.2
Morena	0.1	Romena	0.2
Preta	0.1	Uruguaia	0.1
Russa	0.1	Argentina	0.1
Uruguaia	0.1	Bugre	0.1
		Boliviana	0.1
		Síria	0.1
		Australiana	0.1
		Cabocla	0.1
		Irlandesa	0.1
		Iugoslava	0.1
		Chinesa	0.1

Com o intuito de verificar em que medida estas informações podem subsidiar o estudo das características de cor da população brasileira, procedeu-se ao cruzamento da primeira resposta de origem com as categorias da cor pré-codificada.

Tabela 14.- Distribuição das 1as. respostas de origem por cor pré-codificada

Origem	Cor					Total
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	
Brasileira	56,7	9,6	0,7	32,3	0,8	100,0
Italiana	88,8	1,2	0,3	9,1	0,5	100,0
Portuguesa	81,6	2,3	0,3	15,1	0,7	100,0
Alemã	91,2	2,1	0,1	6,0	0,5	100,0
Indígena	42,6	9,8	0,6	39,8	7,2	100,0
Negra	15,0	40,6	0,4	42,8	1,3	100,0
Espanhola	86,9	1,7	0,3	11,4	0,7	100,0
Africana	16,5	43,9	0,5	37,4	1,8	100,0
Japonesa	27,1	1,1	67,0	4,4	0,3	100,0

A tabela precedente não parece indicar uma associação satisfatória entre as categorias de cor e as principais origens (frequências maiores de 0.5%), declaradas em primeiro lugar. A maior inconsistência entre elas se refere aos que se identificaram como de origem indígena: só pouco mais de 7% se classificaram como de cor indígena, mais de 42% como branca e quase 40% como parda. Entre os que se declararam de origem africana, por sua vez, mais de 16% se classificaram como de cor branca e entre os que se identificam como de origem negra, 15% o fazem. Este resultado estaria exemplificando a diferenciação básica a que se apontava no início deste trabalho, entre as dimensões da cor, como categoria socialmente construída e a de ascendência ou ancestralidade, que remete a uma origem de ordem geográfica dos antepassados.

Por outro lado, a distribuição dos que declararam de origem brasileira segundo a cor, acompanha a da população total, não acrescentando especificações a respeito.

CONCLUSÕES

O estudo feito até aqui tentou mostrar o dinamismo da cor denominada ao longo do tempo, no caráter relativo da sua validade geográfica e na sua variabilidade de significados, reflexo da diversidade cultural na qual ela se inscreve.

A multiplicidade de termos designativos da cor aparece, contemporaneamente, como reflexo do caráter primariamente subjetivo dessa identificação, evidenciando ao mesmo tempo, a defasagem entre o campo dos atores sociais e o campo dos estudiosos desta problemática.. Mas as categorias de cor só parecem tornar-se significativas no contexto de uma ordem hierárquica, constituindo-se, de fato, numa marca de origem. Desta maneira, no âmbito brasileiro a questão da cor se encontra no entrecruzamento dos mitos fundadores da identidade nacional com as práticas sociais de discriminação e preconceito racial.

Em termos regionais, a diversidade de padrões de respostas e a multiplicidade de significados encontrados, nas distintas áreas metropolitanas estudadas, aponta para a necessidade de outorgar especial atenção, nos estudos futuros, a esta variabilidade. O fato de que um mesmo termo, utilizado em contextos diferentes, adquira significados relativos diferenciados, merece ser estudado de forma aprofundada em pesquisas específicas e/ou como suplemento a pesquisas habituais, da forma como foi realizado com a PME de julho de 98, aqui analisada.

Aos efeitos da prática de pesquisa, uma indagação que se torna relevante, neste momento, é o da pertinência das categorias de cor da pergunta pré-codificada, ou seja, aquelas que são utilizadas habitualmente nos inquéritos estatísticos. Os resultados analisados parecem apontar para um grau de adequação diferenciado regionalmente destas categorias. Por um lado, os dados indicariam uma aceitação maior da categoria parda nas regiões metropolitanas de Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador, seguidas de São Paulo. Em Recife e Belo Horizonte encontram-se tanto uma aceitação bem mais baixa desta categoria, quanto uma menor consistência da mesma se comparada com as respostas da pergunta aberta. Em relação a categoria preta, a mesma parece seguir um padrão bastante similar de adequação segundo as RMs. Por outro lado, Recife e Belo Horizonte também se destacam por apresentar uma consistência menor no emprego da categoria branca, na medida que só 75% dos que se assim se classificam na pergunta fechada, também o fazem na aberta.

Em relação aos usos destas categorias da pergunta pré-codificada nas diversas temáticas de investigação, enquanto as mesmas parecem ter oferecido resultados satisfatórios, até hoje, no caso de diversos estudos da desigualdade por

cor, o presente trabalho projeta certas dúvidas no que diz respeito a sua utilização em outras áreas como por exemplo a de mobilidade, tanto geográfica como social.

BIBLIOGRAFIA

Andrews, George Reid; "Desigualdade racial no Brasil e nos EUA: uma comparação estatística", *Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos* 22, set/92.

Antonil, André João; **Cultura e Opulência do Brasil**, (1^a. Ed. 1711), Livraria Progresso, Salvador 1950.

Bertheleu, Hélène; "A propos de l'étude des relations inter-ethniques et du racisme en France", *Revue Européenne des Migrations Internationales*, 13, 1997.

Bonniol, Jean-Luc; **La couleur comme maléfice**, Albin Michel, 1992.

Bonniol, Jean-Luc & Benoist, Jean; "Hérédités plurielles. Représentations populaires et conceptions savantes du métissage", *Ethnologie Française*, XXIV, 1994.

Buarque de Hollanda, Aurélio; **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, Civilização Brasileira, 1960.

Castro, Nadya A. & Guimarães, Antonio S.; "Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho", *Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos* 24, julho/93.

Castro, Silvio; **A Carta de Pero Vaz de Caminha**, L&PM/História, 1985.

Corominas, Joan; **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**, Editora Gredos, Madrid, 1954.

Costa, Tereza C. A.; "O princípio classificatório 'cor', sua complexidade e implicações para um estudo censitário", *Revista Brasileira de Geografia*, 36(3), jul/set 1974.

Cunha, Antônio Geraldo; **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, Nova Fronteira, 1982.

Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo; "Racismo e anti-racismo no Brasil", trabalho apresentado ao XVIII Encontro Anual da ANPOCS, nov/1994.

Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo; "Raça, racismo e grupos de cor no Brasil", *Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos* 27, abril/95.

Harris, Marvin et al; "Who are the Whites ? Imposed Census Categories and the Racial Demography of Brazil", *Social Forces*, dez/93.

Hasenbalg, Carlos A.; "O negro na indústria: proletarização tardia e desigual", in: Silva, Nelson do V. & Hasenbalg, Carlos A., **Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**, Rio Fundo Editora, 1992.

IBGE - Departamento de Estatísticas de População e Sociais, "Resultados da Apuração do Boletim Especial 1.02 da PNAD - 76", s/d.

IBGE - Laboratório de Estatística; "O desenvolvimento da população preta e parda no Brasil", **Contribuições para o Estudo da Demografia no Brasil**, 2^a. edição, 1970.

Lacerda, João Batista; "Sur les métis du Brésil", in G. Spiller (ed.), **Mémoires sur le Contact des Races**, 1er. Congrès Universel des Races, Université de Londres, 26 au 29 juillet 1911, Orchard House, 1911.

Nogueira, Oracy; **Tanto Preto Quanto Branco: Estudos de Relações Raciais**, T.A. Queiroz, 1985.

Oliveira, Lucia E, Porcaro, Rosa, Costa, Tereza C.; **O lugar do negro na força de trabalho**, IBGE, 1983.

Pahim Pinto, Regina; "Os Problemas Subjacentes ao Processo de Classificação da Cor da População no Brasil", Fundação Carlos Chagas, maio/96.

Petrucelli, José Luis; "Casamento e Cor no Brasil Atual: a Reprodução das Diferenças", in: **CNPQ, I e II Concurso Nacional de Monografias sobre População e Desenvolvimento**, 1999.

Piza, Edit & Rosenberg, Fulvia; "Cor nos Censos Brasileiros", *Revista da USP*, dez/fev 98/99.

Rugendas, Jean Maurice; "Viagem pitoresca através do Brasil", (1^a. ed. 1835), Biblioteca Histórica Brasileira, Livraria Martins, 1940.

Said-Ali, M.; "Nome de Cores", *Revista de Philologia e de História. Archivo de Estudos sobre Philologia, História, Ethnographia e Crítica Literária*, Tomo I - 1931.

Schwarcz, Lilia M; "Questão racial no Brasil", in: Schwarcz, Lilia M. & Reis, Leticia V. de Souza; **Negras Imagen**, Edusp, 1996.

Simon, Patrick; "La Statistique des Origines: <race> et ethnicité dans les recensements aux États-Unis, Canada et Grande-Bretagne", *Sociétés Contemporaines*, No. 26, abril 1997.

Silva, Nelson do V.; "Morenidade: modo de usar", *Cadernos Cândido Mendes*, Estudos Afro-Asiáticos 30, 1996.

-----; "Cor da Pele e segregação residencial no Brasil", *Cadernos Cândido Mendes*, Estudos Afro-Asiáticos 24, julho/93.

-----; "Uma nota sobre "raça social" no Brasil", *Cadernos Cândido Mendes*, Estudos Afro-Asiáticos 26, 1994.

Skidmore, Tomas; "Fact and Myth: Discovering a Racial Problem in Brazil", Kellogg Institute, WP #173, abril/92.

Teixeira Pacheco, Moema de Poli; "Família e identidade racial: os limites da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda", dissertação de mestrado, 1986.

-----; "A questão da cor nas relações de um grupo de baixa renda", *Cadernos Cândido Mendes*, Estudos Afro-Asiáticos 14, set/1987.

Telles, Edward; "Contato Racial no Brasil Urbano", in: Lovell, Peggy A. (org), **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**, UFMG/CEDEPLAR, 1991.

-----; "Race is in the Eye of the Beholder: Racial Composition, Social Status and Classification in Brazil", agosto/98.

Wood, Charles H.; "Census Categories and Racial-Ethnic Identity in Brazil", Trabalho apresentado no encontro da Population Association of America, San Francisco, California, 1995.

Anexo 1 - Distribuição das categorias espontâneas do quesito Cor

	Cor/Raça	Abs	%	% ac
1	AFRICANA	1103	0,00	0,00
2	ALEMAO	11136	0,03	0,04
3	ALOURADO	187	0,00	0,04
4	ALVA	6219	0,02	0,05
5	AMARELA	369192	1,08	1,14
6	AMARELOCLARO	182	0,00	1,14
7	AZUL/BRANCA	789	0,00	1,14
8	BAIANA	182	0,00	1,14
9	BEGE	187	0,00	1,14
10	BEMLOIRA	789	0,00	1,15
11	BOMBOM	542	0,00	1,15
12	BRANCA	18443834	54,17	55,32
13	BRANCAAMARELA	416	0,00	55,32
14	BRANCAAVERMELHADA	729	0,00	55,32
15	BRANCABRASILEIRA	981	0,00	55,33
16	BRANCACLARA	738	0,00	55,33
17	BRANCAEPARDA	789	0,00	55,33
18	BRANCAESCURA	576	0,00	55,33
19	BRANCALEITE	187	0,00	55,33
20	BRANCAMORENA	3707	0,01	55,35
21	BRANCAOUMULATA	542	0,00	55,35
22	BRANCOAZEDO	542	0,00	55,35
23	BRANCOMEDIO	182	0,00	55,35
24	BRANCOMORENOCLARO	2367	0,01	55,36
25	BRANQUINHA	1088	0,00	55,36
26	BRASILEIRA	41933	0,12	55,48
27	BRONZEADA	416	0,00	55,48
28	BUGRE	1536	0,00	55,49
29	CABOCLA	5331	0,02	55,50
30	CABOVERDE	6370	0,02	55,52
31	CAFUSO	2668	0,01	55,53
32	CANELA	2592	0,01	55,54
33	CANELAESCURA	208	0,00	55,54
34	CANELINHA	182	0,00	55,54
35	CASTANHA	3491	0,01	55,55
36	CASTANHOCLARA	1113	0,00	55,55
37	CEARENSE	192	0,00	55,55

Anexo 1 - Distribuição das categorias espontâneas do quesito Cor
(Continuação)

	Cor/Raça	Abs	%	% ac
38	CHOCOLATE	556	0,00	55,55
39	CINZA	208	0,00	55,56
40	CLARA	264089	0,78	56,33
41	CLARABRANCA	187	0,00	56,33
42	CLARAPARDA	768	0,00	56,33
43	CLARINHA	916	0,00	56,34
44	CLAROBRASEIRO	192	0,00	56,34
45	CORDECANELA	572	0,00	56,34
46	CORDECUIA	192	0,00	56,34
47	CRIOULO	542	0,00	56,34
48	DESCASCADO	192	0,00	56,34
49	EDIFICILDEDIZER	789	0,00	56,34
50	ENCARDIDA	390	0,00	56,35
51	ESCURA	129291	0,38	56,72
52	ESCUROCAVERDE	182	0,00	56,73
53	FRANCES	192	0,00	56,73
54	GALEGO	3736	0,01	56,74
55	GALEGOBRANCO	208	0,00	56,74
56	INDIA	3779	0,01	56,75
57	INDIANEGRACAFUZA	789	0,00	56,75
58	INDIGENA	39815	0,12	56,87
59	ITALIANA	960	0,00	56,87
60	JAMBO	3662	0,01	56,88
61	JAPONESA	7101	0,02	56,90
62	LATINAAMERICANA	374	0,00	56,90
63	LEITE	182	0,00	56,90
64	LOIRA	15413	0,05	56,95
65	LOIRACLARA	187	0,00	56,95
66	MARROM	8104	0,02	56,97
67	MARRONCANELA	182	0,00	56,97
68	MEIABRANCA	1331	0,00	56,98
69	MEIOTERMO	192	0,00	56,98
70	MEL	187	0,00	56,98
71	MESTICA	20281	0,06	57,04
72	MESTICA(MORENACLARA)	187	0,00	57,04
73	MESTICAPOSTIÇA	208	0,00	57,04
74	MISTA	5558	0,02	57,06

Anexo 1 - Distribuição das categorias espontâneas do quesito Cor
(Continuação)

	Cor/Raça	Abs	%	% ac
75	MISTURADA	1098	0,00	57,06
76	MOREN@OCAFECOMLEITE	182	0,00	57,06
77	MORENA	7097472	20,85	77,91
78	MORENA-CLARA-JAMBO	187	0,00	77,91
79	MORENABEMCLARA	551	0,00	77,91
80	MORENACABOCLA	374	0,00	77,91
81	MORENACABOVERDE	546	0,00	77,91
82	MORENACAFE	182	0,00	77,91
83	MORENACANELA	416	0,00	77,91
84	MORENACASTANHA	3794	0,01	77,92
85	MORENACLARA	990607	2,91	80,83
86	MORENAESCURA	151900	0,45	81,28
87	MORENAJAMBO	4186	0,01	81,29
88	MORENAMAISPARAAMARELA	182	0,00	81,29
89	MORENAMEDIA	374	0,00	81,29
90	MORENAMESTICA	395	0,00	81,30
91	MORENAO	187	0,00	81,30
92	MORENAPALIDA	561	0,00	81,30
93	MORENAPARDA	956	0,00	81,30
94	MORENAPRETA	208	0,00	81,30
95	MORENASARA	374	0,00	81,30
96	MORENATRIGUEIRO	208	0,00	81,30
97	MORENINHA	5912	0,02	81,32
98	MORENINHO-BRANQUINHO	187	0,00	81,32
99	MORENOBRANCO	1765	0,01	81,33
100	MORENOMEDIO	748	0,00	81,33
101	MORENOMULATO	187	0,00	81,33
102	MORENONORMAL	187	0,00	81,33
103	MORENOPALIDO	187	0,00	81,33
104	MORENOQUEIMADO	182	0,00	81,33
105	MULATA	268124	0,79	82,12
106	MULATACLARA	5173	0,02	82,13
107	MULATAESCURA	364	0,00	82,13
108	MULATAMORENA	182	0,00	82,13
109	MULATINHA	1084	0,00	82,14
110	MULATOMEDIO	182	0,00	82,14
111	MULATONEGRA	542	0,00	82,14

Anexo 1 - Distribuição das categorias espontâneas do quesito Cor
(Conclusão)

	Cor/Raça	Abs	%	% ac
112	NEGAO	724	0,00	82,14
113	NEGRA	1067894	3,14	85,28
114	NEGRAMORENO	187	0,00	85,28
115	NEGRINHO	182	0,00	85,28
116	NEGROCLARO	187	0,00	85,28
117	NEGROMORENO	208	0,00	85,28
118	NEGROPARDO	182	0,00	85,28
119	NEGUINHO	182	0,00	85,28
120	PALIDA	1205	0,00	85,29
121	PARDA	3528735	10,36	95,65
122	PARDA(MORENAESCURA)	2168	0,01	95,66
123	PARDA/MORENA	789	0,00	95,66
124	PARDACLARA	2990	0,01	95,67
125	PARDAESCURA	546	0,00	95,67
126	PARDAMORENACLARA	724	0,00	95,67
127	PARDAO	182	0,00	95,67
128	PARDINHA	542	0,00	95,67
129	PARDOCABOCLO	182	0,00	95,67
130	PELODURO	192	0,00	95,68
131	POLONESA	576	0,00	95,68
132	PORTUGUESA	1523	0,00	95,68
133	POUCOMORENO	208	0,00	95,68
134	PRETA	1448878	4,26	99,94
135	PRETA-NEGRA	182	0,00	99,94
136	PRETINHA	542	0,00	99,94
137	ROXA	561	0,00	99,94
138	RUIVA	5125	0,02	99,96
139	SARARA	12358	0,04	99,99
140	SARARAZADA	182	0,00	99,99
141	SAXAO	187	0,00	99,99
142	TOSTADA	192	0,00	99,99
143	VERMELHA	1892	0,01	100,00
	TOTAL	34045265	100,00	

Anexo 2 - Critérios de agregação da variável Cor para as categorias agrupadas

CATEGORIA	Composição
AMARELA	Amarela, Amarelada, Amarela Clara, Japonesa
BRANCA	Branca, Branquinha, Leite, Alva, Latino-americana, Polonesa, Saxão, Portuguesa, Italiana, Alemã, Francesa
BRANCA+	Branca Amarela, Branca Morena, Branca Brasileira, Branca Avermelhada, Branca Clara, Branca Parda, Branca Escura, Branca Leite, Branca Morena, Branca Mulata, Branca Azeda, Branca Media, Branca Morena, Branca Morena Clara, Meia Branca, Azul Branca
CABO VERDE	Cabo Verde, Morena Cabo Verde, Escura Cabo Verde
CANELA	Canela, Canela Escura, Canelinha, Cor de Canela, Marrom Canela
CASTANHA	Castanha, Castanha Clara
CLARA	Clara, Clara Branca, Clara Parda, Clarinha, Clara Brasileira
ESCURA	Escura, Escura Morena, Escurinha
GALEGA	Galega, Galega Branca
INDÍGENA	Indígena, Índia
JAMBO	Jambo, Morena Clara Jambo, Morena Jambo
LOIRA	Loira, Alourada, Bem Loira, Loira Clara, Loura
MARROM CHOCOLATE	Marrom, Chocolate
MISTIÇA/MISTA	Mestiça, Mista, Mestiça Morena Clara, Mestiça Morena, Mestiça Postiça, Misturada
MORENA	Morena, Bombom, Morena Media, Morena Café com Leite, Morena Cabocla, Morena Canela, Morena Castanha, Morena Mestiça, Morena Trigueiro, Moreninha, Morena Normal, Bronzeada, Pouco Morena, Morena mais para Amarela
MORENA CLARA	Morena Clara, Morena bem Clara, Morena Pálida, Moreninha Branquinha, Morena Branca
MORENA ESCURA	Morena Escura, Morena Parda, Morena Café, Morena Preta, Morena Mulata, Morena Queimada
MULATA	Mulata, Mulata Clara, Mulata Escura, Mulata Morena, Mulatinha, Mulata Media, Mulata Negra
NEGRA	Negra, Negão, Negra Morena, Negra Parda, Negra Clara, Neguinha
PARDA	Parda, Pálida, Parda Morena Clara, Parda Morena Escura, Parda Clara, Parda Morena, Pardinha, Pardão
PRETA	Preta, Preta Negra, Pretinha, Africana
SARARA	Sarara, Morena Sarara
VERMELHA	Vermelha, Ruiva

Anexo 3.1 - Cor aberta por cor fechada por R. Metropolitana (% x col.)

RE

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,1	0,0	27,7	0,0	0,0	0,4
BRANCA	74,3	1,1	28,5	2,0	2,8	32,5
BRANCA*	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
BRASILEIRA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CABOCLA	0,0	0,0	0,0	0,1	1,7	0,1
CAFUSO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0
CANELA	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CLARA	0,5	0,0	0,8	0,0	0,0	0,2
ESCURA	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0
GALEGO	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
INDIGENA	0,0	0,0	0,0	0,0	3,8	0,1
JAMBO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0
LOIRA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marrom/Chocolate	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
MESTICA/MISTA	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
MORENA	17,9	60,3	26,2	81,7	76,7	52,0
MORENACLARA	6,6	2,3	13,1	10,5	11,1	8,0
MORENAESCURA	0,1	4,3	0,0	0,7	1,4	0,8
MULATA	0,1	0,5	0,0	0,4	0,4	0,2
NEGRA	0,0	13,9	0,0	0,2	0,7	1,6
PARDA	0,1	0,3	1,5	4,2	0,0	1,9
PRETA	0,0	16,8	0,8	0,1	0,4	1,9
SARARA	0,0	0,0	1,5	0,0	0,0	0,0
VERMELHA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

SA

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,2	0,1	61,2	0,0	1,6	0,4
BRANCA	86,9	0,2	3,0	1,6	0,0	19,5
BRANCA*	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
BRASILEIRA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CABOCLA	0,0	0,1	0,0	0,1	0,8	0,1
CABOVERDE	0,0	0,4	0,0	0,3	8,5	0,3
CANELA	0,0	0,1	0,0	0,0	0,8	0,0
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CLARA	1,8	0,1	1,5	0,5	0,0	0,7
ESCURA	0,0	6,4	0,0	0,6	2,3	1,7
GALEGO	0,0	0,0	3,0	0,0	0,0	0,0
INDIGENA	0,0	0,0	1,5	0,0	26,4	0,3
LOIRA	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marrom/Chocolate	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1
MESTICA/MISTA	0,1	0,0	0,0	0,3	0,0	0,2
MORENA	5,6	8,5	6,0	39,6	39,5	25,7
MORENACLARA	4,3	0,4	16,4	4,9	3,9	3,9
MORENAESCURA	0,1	1,7	3,0	1,8	9,3	1,5
MULATA	0,1	2,6	0,0	1,7	0,8	1,5
NEGRA	0,0	33,9	0,0	1,0	0,8	7,6
PARDA	0,5	1,0	1,5	46,7	2,3	26,7
PRETA	0,1	44,3	0,0	0,4	2,3	9,4
SARARA	0,0	0,3	3,0	0,4	0,0	0,3
VERMELHA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

BH

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,0	0,0	40,0	0,0	0,0	0,2
BRANCA	75,2	0,3	3,1	0,7	1,7	37,0
BRANCA*	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
BRASILEIRA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CABOCLA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0
CAFUSO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CLARA	6,9	0,2	3,1	1,1	0,4	3,8
ESCURA	0,1	6,5	0,0	0,2	0,4	0,8
INDIGENA	0,0	0,0	0,0	0,0	7,6	0,1
JAMBO	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
LOIRA	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Marrrom/Chocolate	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
MESTICA/MISTA	0,0	0,1	0,0	0,2	0,0	0,1
MORENA	10,4	23,2	32,3	70,2	69,5	35,5
MORENACLARA	6,7	0,9	16,9	14,0	8,5	8,8
MORENAESCURA	0,1	6,7	0,0	2,3	5,1	1,8
MULATA	0,0	1,1	0,0	0,6	2,1	0,4
NEGRA	0,0	33,8	1,5	0,5	1,7	4,2
PARDA	0,0	0,4	1,5	9,8	1,3	3,8
PRETA	0,1	27,0	1,5	0,3	1,3	3,3
VERMELHA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

RJ

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,0	0,1	43,2	0,1	0,0	0,1
BRANCA	94,8	0,6	16,2	1,2	3,2	56,1
BRANCA*	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
BRASILEIRA	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1
CABOCLA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
CAFUSO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CLARA	0,8	0,0	0,0	0,2	0,0	0,5
ESCURA	0,0	4,8	0,0	0,4	1,6	0,6
INDIGENA	0,0	0,0	0,0	0,0	13,7	0,1
JAMBO	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
LOIRA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Marrrom/Chocolate	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
MESTICA/MISTA	0,0	0,0	0,0	0,2	0,8	0,1
MORENA	3,6	4,6	35,1	36,7	66,9	14,1
MORENACLARA	0,3	0,1	0,0	1,9	0,8	0,8
MORENAESCURA	0,0	0,2	0,0	0,2	1,6	0,1
MULATA	0,1	3,1	0,0	5,5	2,4	2,0
NEGRA	0,0	24,3	0,0	0,8	0,0	2,8
PARDA	0,3	2,8	2,7	52,2	4,8	16,0
PRETA	0,0	59,3	2,7	0,4	1,6	6,5
SARARA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
VERMELHA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

SP

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,1	0,0	92,7	0,0	0,0	2,4
BRANCA	93,4	0,8	3,8	1,2	7,7	61,6
BRANCA*	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
BRASILEIRA	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
CAFUSO	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
CANELA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
CLARA	0,6	0,0	0,7	0,1	0,0	0,5
ESCURA	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0
GALEGO	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
INDIGENA	0,0	0,0	0,0	0,0	14,4	0,1
JAMBO	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
LOIRA	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1
Marrom/Chocolate	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
MESTICA/MISTA	0,0	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0
MORENA	3,8	9,3	2,0	59,3	56,7	18,4
MORENACLARA	1,5	0,1	0,0	4,2	11,5	2,1
MORENAESCURA	0,0	1,2	0,0	0,5	0,0	0,2
MULATA	0,0	2,1	0,0	0,5	1,0	0,3
NEGRA	0,0	42,4	0,0	0,7	4,8	2,9
PARDA	0,2	1,7	0,7	33,1	2,9	8,6
PRETA	0,0	41,2	0,0	0,1	0,0	2,7
VERMELHA	0,0	0,0	0,2	0,0	1,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

PA

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	0,0	0,0	46,2	0,0	0,8	0,1
BRANCA	95,1	1,2	7,7	3,2	5,8	80,1
BRANCA*	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
BRASILEIRA	1,0	0,2	3,9	0,7	0,0	0,9
BUGRE	0,0	0,0	0,0	0,3	3,3	0,1
CABOCLA	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0
CAFUSO	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
CASTANHO	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
CLARA	0,4	0,0	0,0	0,9	0,8	0,4
ESCURA	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
INDIGENA	0,0	0,0	7,7	0,1	38,3	0,4
JAMBO	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0
LOIRA	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
MESTICA/MISTA	0,1	0,7	3,9	2,2	6,7	0,3
MORENA	2,1	10,8	19,2	29,8	35,8	5,2
MORENACLARA	1,0	0,4	7,7	5,8	5,0	1,4
MORENAESCURA	0,0	0,1	0,0	0,4	0,0	0,0
MULATA	0,0	1,3	0,0	1,7	0,0	0,2
NEGRA	0,0	22,9	0,0	1,8	0,0	1,9
PARDA	0,1	0,2	0,0	50,9	3,3	4,0
PRETA	0,0	61,2	0,0	0,8	0,0	4,7
SARARA	0,0	0,8	3,9	0,9	0,0	0,2
VERMELHA	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Anexo 3.2 - Cor aberta por cor fechada por RM (% x lin.)**Cor/Raça X RM**

RE

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	13,64	0,00	81,82	4,55	0,00	100,00
BRANCA	95,77	0,38	0,93	2,73	0,20	100,00
BRANCA*	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
BRASILEIRA	66,67	0,00	0,00	33,33	0,00	100,00
CABOCLA	0,00	0,00	0,00	37,50	62,50	100,00
CAFUSO	50,00	0,00	0,00	0,00	50,00	100,00
CANELA	33,33	50,00	0,00	16,67	0,00	100,00
CASTANHO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CLARA	88,46	0,00	3,85	7,69	0,00	100,00
ESCURA	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
GALEGO	71,43	0,00	0,00	28,57	0,00	100,00
INDIGENA	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100,00
JAMBO	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100,00
LOIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrrom/Choco	25,00	25,00	0,00	50,00	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	40,00	0,00	0,00	60,00	0,00	100,00
MORENA	14,43	12,57	0,53	69,02	3,45	100,00
MORENACLAF	34,25	3,15	1,73	57,62	3,25	100,00
MORENAESCL	4,00	57,00	0,00	35,00	4,00	100,00
MULATA	10,00	23,33	0,00	63,33	3,33	100,00
NEGRA	0,51	93,91	0,00	4,57	1,02	100,00
PARDA	1,27	1,69	0,84	96,20	0,00	100,00
PRETA	0,43	97,39	0,43	1,30	0,43	100,00
SARARA	40,00	0,00	40,00	20,00	0,00	100,00
VERMELHA	66,67	0,00	0,00	33,33	0,00	100,00
Total	41,83	10,84	1,06	43,94	2,34	100,00

SA

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	9,43	3,77	77,36	5,66	3,77	100,00
BRANCA	95,10	0,16	0,08	4,66	0,00	100,00
BRANCA*	40,00	0,00	0,00	60,00	0,00	100,00
BRASILEIRA	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CABOCLA	0,00	20,00	0,00	70,00	10,00	100,00
CABOVERDE	0,00	23,08	0,00	48,72	28,21	100,00
CANELA	0,00	40,00	0,00	40,00	20,00	100,00
CASTANHO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CLARA	55,17	2,30	1,15	41,38	0,00	100,00
ESCURA	0,00	78,30	0,00	20,28	1,42	100,00
GALEGO	20,00	0,00	40,00	40,00	0,00	100,00
INDIGENA	0,00	0,00	2,86	0,00	97,14	100,00
LOIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrrom/Choco	0,00	57,14	0,00	42,86	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	9,52	0,00	0,00	90,48	0,00	100,00
MORENA	4,60	6,79	0,12	86,91	1,57	100,00
MORENACLAF	23,57	2,25	2,25	70,90	1,02	100,00
MORENAESCL	1,57	23,56	1,05	67,54	6,28	100,00
MULATA	1,03	35,05	0,00	63,40	0,52	100,00
NEGRA	0,11	92,42	0,00	7,37	0,11	100,00
PARDA	0,42	0,74	0,03	98,72	0,09	100,00
PRETA	0,25	96,88	0,00	2,62	0,25	100,00
SARARA	2,63	18,42	5,26	73,68	0,00	100,00
VERMELHA	0,00	0,00	0,00	50,00	50,00	100,00
Total	21,28	20,61	0,53	56,56	1,03	100,00

BH

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	7,14	0,00	92,86	0,00	0,00	100,00
BRANCA	99,07	0,09	0,03	0,75	0,06	100,00
BRANCA*	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
BRASILEIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
CABOCLA	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100,00
CAFUSO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CASTANHO	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
CLARA	88,53	0,46	0,31	10,55	0,15	100,00
ESCURA	2,74	89,04	0,00	7,53	0,68	100,00
INDIGENA	0,00	0,00	0,00	5,26	94,74	100,00
JAMBO	33,33	0,00	0,00	66,67	0,00	100,00
LOIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrom/Choco	20,00	0,00	0,00	80,00	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	6,67	6,67	0,00	86,67	0,00	100,00
MORENA	14,34	7,58	0,34	75,07	2,67	100,00
MORENACLAF	36,92	1,17	0,72	59,88	1,30	100,00
MORENAESCL	3,24	43,69	0,00	49,19	3,88	100,00
MULATA	4,41	33,82	0,00	54,41	7,35	100,00
NEGRA	0,42	94,04	0,14	4,85	0,55	100,00
PARDA	0,46	1,06	0,15	97,88	0,46	100,00
PRETA	1,23	95,10	0,18	2,98	0,53	100,00
VERMELHA	66,67	0,00	0,00	33,33	0,00	100,00
Total	48,77	11,60	0,37	37,89	1,36	100,00

RJ

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	4,35	4,35	69,57	21,74	0,00	100,00
BRANCA	99,12	0,12	0,07	0,65	0,04	100,00
BRANCA*	75,00	0,00	0,00	0,00	25,00	100,00
BRASILEIRA	81,82	9,09	0,00	9,09	0,00	100,00
CABOCLA	0,00	0,00	0,00	50,00	50,00	100,00
CAFUSO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CASTANHO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CLARA	87,21	0,00	0,00	12,79	0,00	100,00
ESCURA	0,00	81,55	0,00	16,50	1,94	100,00
INDIGENA	0,00	0,00	0,00	5,56	94,44	100,00
JAMBO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
LOIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrom/Choco	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	25,00	0,00	0,00	66,67	8,33	100,00
MORENA	14,91	3,47	0,57	77,40	3,65	100,00
MORENACLAF	25,60	1,60	0,00	72,00	0,80	100,00
MORENAESCL	0,00	21,43	0,00	64,29	14,29	100,00
MULATA	1,54	16,67	0,00	80,86	0,93	100,00
NEGRA	0,00	91,94	0,00	8,06	0,00	100,00
PARDA	0,97	1,90	0,04	96,86	0,23	100,00
PRETA	0,38	97,72	0,09	1,61	0,19	100,00
SARARA	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
VERMELHA	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100,00
Total	58,64	10,73	0,23	29,64	0,77	100,00

SP

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	2,58	0,00	97,42	0,00	0,00	100,00
BRANCA	99,21	0,08	0,15	0,48	0,07	100,00
BRANCA*	90,91	0,00	0,00	9,09	0,00	100,00
BRASILEIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
CAFUSO	0,00	50,00	0,00	50,00	0,00	100,00
CANELA	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CASTANHO	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
CLARA	90,12	0,00	3,70	6,17	0,00	100,00
ESCURA	0,00	71,43	0,00	28,57	0,00	100,00
GALEGO	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
INDIGENA	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00	100,00
JAMBO	20,00	0,00	0,00	80,00	0,00	100,00
LOIRA	90,91	9,09	0,00	0,00	0,00	100,00
Marrom/Choco	0,00	100,00	0,00	0,00	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	20,00	60,00	0,00	20,00	0,00	100,00
MORENA	13,60	3,20	0,27	81,16	1,77	100,00
MORENACLAF	46,77	0,26	0,00	49,87	3,10	100,00
MORENAESCL	2,56	35,90	0,00	61,54	0,00	100,00
MULATA	2,13	51,06	0,00	44,68	2,13	100,00
NEGRA	0,57	92,57	0,00	5,90	0,95	100,00
PARDA	1,41	1,28	0,19	96,93	0,19	100,00
PRETA	0,21	98,54	0,00	1,25	0,00	100,00
VERMELHA	66,67	0,00	16,67	0,00	16,67	100,00
Total	65,41	6,33	2,48	25,21	0,57	100,00

PA

Res. Esp.	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	TOTAL
AMARELA	18,75	0,00	75,00	0,00	6,25	100,00
BRANCA	99,50	0,11	0,02	0,31	0,06	100,00
BRANCA*	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
BRASILEIRA	91,79	1,49	0,75	5,97	0,00	100,00
BUGRE	12,50	0,00	0,00	37,50	50,00	100,00
CABOCLA	33,33	33,33	0,00	33,33	0,00	100,00
CAFUSO	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
CASTANHO	66,67	0,00	0,00	33,33	0,00	100,00
CLARA	81,97	0,00	0,00	16,39	1,64	100,00
ESCURA	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	100,00
INDIGENA	2,00	0,00	4,00	2,00	92,00	100,00
JAMBO	0,00	50,00	0,00	50,00	0,00	100,00
LOIRA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
MESTICA/MIS*	14,58	16,67	2,08	50,00	16,67	100,00
MORENA	33,69	15,70	0,68	44,11	5,82	100,00
MORENACLAF	61,34	2,06	1,03	32,47	3,09	100,00
MORENAESCL	16,67	16,67	0,00	66,67	0,00	100,00
MULATA	0,00	42,42	0,00	57,58	0,00	100,00
NEGRA	0,37	92,16	0,00	7,46	0,00	100,00
PARDA	1,40	0,35	0,00	97,55	0,70	100,00
PRETA	0,30	98,36	0,00	1,34	0,00	100,00
SARARA	13,04	39,13	4,35	43,48	0,00	100,00
VERMELHA	100,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Total	83,78	7,54	0,18	7,66	0,84	100,00

Anexo 4 - Distribuição da população por cor segundo as RM

RM	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indigena	Total
Recife	41.83	10.83	1.06	43.94	2.34	100.00
Salvador	21.26	20.62	0.53	56.56	1.03	100.00
Belo Horizonte	48.78	11.59	0.37	37.89	1.36	100.00
Rio de Janeiro	58.63	10.72	0.23	29.65	0.77	100.00
São Paulo	65.43	6.34	2.47	25.19	0.57	100.00
Porto Alegre	83.76	7.56	0.18	7.66	0.85	100.00
TOTAL	54.60	10.90	0.85	32.54	1.10	100.00